

UM MUNDO SEM LIVROS: UMA REFLEXÃO JUSLITERÁRIA SOBRE A OBRA 'FAHRENHEIT 451'

Autor (1) Beatriz Firmino Bezerra; Orientador (2) Michelle Barbosa Agnoleti

Universidade Estadual da Paraíba, biabezerra.f@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Alienação, do latim, *alienatione*. Sua polissemia possibilita uma variedade de significados, entretanto os que mais se encaixam a este trabalho são: perturbação mental na qual se registra uma anulação da personalidade individual, arroubamento de espírito. Este resumo trabalhará em um paralelo entre a alienação e controle social, e de uma forma mais genérica a teoria dos sistemas na obra Fahrenheit 451, do americano Ray Bradbury. A relevância desse trabalho se resume na importância do tema alienação na atualidade, cujo objetivo da discussão é provocar a reflexão, o senso crítico do leitor, faze-lo meditar como seria a sociedade sem livros, ideais ou discursões construtivas. Vivendo a mercê de um governo que oferece uma política de pão e circo, onde os próprios cidadãos escolhem ser encarcerados intelectualmente; onde consegue-se o controle por meio da modificações das informações até o acesso ao conhecimento desta, inserindo cada vez mais as pessoas em um cerco de informações restritas e inverídicas, tornando a sociedade propensa a regimes de governo totalitários.

METODOLOGIA

A pesquisa constitui-se em um levantamento bibliográfico de caráter exploratório, cujo problema centra-se em conhecer quais as atribuições no livro Fahrenheit 451 em relação às novas tecnologias, ao controle social e à alienação provocada por elas. O problema foi analisado com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, onde as novas formas de se relacionar ganham cada vez mais espaço dentro do convívio social.

DISCUSSÃO

Fahrenheit 451 refere-se à temperatura a qual o papel pega fogo e queima (451° na escala Fahrenheit equivale a aproximadamente 233° na escala Celsius); e apesar da queima de livros parecer algo fantasioso, há registros históricos que citam casos de destruição e censura quando os sistemas de governos totalitários, como o

(83) 3322.3222

contato@jornadardl.com.br

www.jornadardl.com.br

nazista e o fascista, assumiram o poder em alguns países na Europa, sendo controlada a literatura nestes países. Talvez o mais famoso caso seja o Bücherverbrennung, ocorrido em 1933 na Alemanha nazista, onde estudantes queimaram livros considerados “não-alemães” em uma espécie de “purificação da cultura alemã”.

O saber era uma “arma”, uma ameaça na casa ao lado, um perigo à harmonia social e ao princípio da igualdade: um risco ao sistema. O modelo ideal é o comodismo e o conformismo. Não questionar, apenas obedecer. Não importa o “por que” as coisas são, apenas basta saber como são! Afinal, *“para quê aprender qualquer coisa, além de apertar botões, ligar computadores, enroscar parafusos e porcas?”* (BRADBURY, 1953, p.28).

É Assim que se encontra a sociedade da obra de Bradbury: alienada e acomodada. Tudo começou com o saber. Exigiam-se informações rápidas de forma extremamente clara e precisa; por isso o processo de esquematização de obras começou; depois vieram os resumos e, de repente, uma obra inteira se transformava em uma frase. Depois o conteúdo das obras mais críticas começou a incomodar alguns grupos da sociedade; daí, para “preservar” o bem estar social, foram tiradas de circulação. É interessante observar que não foi somente o regime totalitário que impôs a sociedade não ler, mas também foram as pessoas que se acomodaram e escolheram não mais ler, criando desta forma uma prisão voluntária, uma armadilha onde forma-se uma sociedade estagnada. Não foi o estado totalitário que construiu essa ideia, mas sim as minorias, que ao chegar ao poder inseriram certas ideias como se fossem as únicas e depois veio à mídia e construiu papéis sociais definidos para aquelas pessoas; o apresentador do programa sempre aparecia como um tio ou primo da pessoa que assistia induzindo a pessoas a ter um papel de solidariedade com aqueles programas que estavam de forma permanente na programação.

A profissão de bombeiro nos moldes atuais havia sido extinta com o advento de uma nova tecnologia que impossibilitava incêndios (exceto em caso de altíssimas temperaturas e o uso de produtos inflamáveis). Eles receberam uma nova função: destruir. A primeira manipulação de informações claramente mencionada na obra registra-se no Código dos Bombeiros, que teve sua datação alterada, além da falta de conhecimento do histórico da profissão. O trabalho dos bombeiros era admirável; eles eram verdadeiros heróis, protegendo a sociedade de tudo aquilo que pudesse ameaçar a harmonia social. Era uma força designada pra manter o regime consensual que viviam. Era um sistema de vigilância muito bem feito, a produção de livros e tê-los passou a ser um crime, onde quem descumpre é punido. Todo o processo consistia em apagar novas ideias através da queima dos

livros, onde o que realmente importava não era o livro, mas sim, o que estava contido dentro dele. Todo o seu potencial de fazer as pessoas pensarem, saírem de suas zonas de conforto, serem críticas, revolucionárias. O senso crítico, a reflexão e o raciocínio eram totalmente hostilizados. Qualquer expressão de conhecimento era tida como anormal. Era a política de pão e circo. Oferecia-se à população um conteúdo midiático massivo e sem profundidade intelectual, enquanto tirava-se dela o conhecimento, a liberdade e até mesmo a felicidade.

Assim como em qualquer regime de Estado, as regras de funcionamento mínimo do poder estavam escritas, e eram os únicos livros permitidos, pois, se fosse passado oralmente poderia ser mudado, mas ao ser escrito trouxe segurança ao regime. Assim é o direito, as regras são escritas para trazer seguranças.

Esse livro é um prato cheio para o ensino da Teoria do Sistema Luhmanniano. A sociedade se realiza principalmente pela comunicação e o problema é a reprodução desta comunicação, o interessante neste livro é quando um personagem começa a pensar o que não deveria ser pensado; isso ocorre a partir do momento que Clarisse pergunta a Guy Montag se ele é feliz, introduzindo a maiêutica de forma que Montag conseguisse acordar e perceber como o mundo real era assustadoramente diferente do mundo fantasia em vivia. Nós também precisamos sair da caverna, *“não temos necessidade que nos deixem sossegados. Temos necessidade de sermos seriamente incomodados de vez em quando”*(BRADBURY, 1953, p.14); incomodados com perguntas, com reflexões, com informações, com todo o tipo de conhecimento, a verdade dói, mas é libertadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bradbury permitiu em seu livro o movimento de entropia, e como num sistema fechado a espaço para uma desordem e a espaço para a produção de uma mudança. É necessário que as pessoas sejam incomodadas de vez em quando e observem o real valor de um livro, e o quão seria devastador para uma sociedade a perda deste conhecimento. Se todos tivessem consciência disso, talvez, um dia os homens não voltariam a cometer os mesmos erros.

PALAVRAS-CHAVE: Fahrenheit 451; totalitarismo; tecnologia; alienação.

REFERÊNCIAS

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. New York: Ballantine Books, 1953. Tradução de Mario Henrique Leiria. Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/rbf451.pdf> Acessado em: 30/07/2016 às 22h e 23min.

(83) 3322.3222

contato@jornadardl.com.br

www.jornadardl.com.br